

ANÁLISE DO DISCURSO E A SALA DE AULA: COMPREENSÃO DE TEXTOS

Carla Viana Coscarelli*

Delaine Cafiero**

Resumo: O objetivo desta comunicação é mostrar como os estudos da Análise do Discurso podem contribuir com a sala de aula de Português. Qualquer professor pode apropriar-se de concepções e conceitos oriundos da AD e provocar mudanças significativas em sua prática, a fim de desenvolver as habilidades de compreensão de seus alunos. A partir da crítica ao tratamento dado aos textos nos livros didáticos, são apresentadas atividades que exemplificam como é possível trabalhar com leitura e compreensão numa perspectiva que contemple as condições de produção dos discursos.

Quando se observam as práticas de compreensão de textos realizadas atualmente em grande parte das aulas de Português, é possível notar a distância que ainda existe entre essas práticas e as teorias lingüísticas, principalmente em relação aos avanços teóricos já alcançados pela Análise do Discurso. São muitos os professores de Ensino Fundamental e Médio que ainda nem tiveram contato com as concepções oriundas da AD; e, mesmo aqueles que já foram iniciados, em suas escolas de formação ou em programas de capacitação, têm dificuldade de transformar em prática o que aprenderam na teoria. Uma consequência disso é que os livros didáticos (LDs), material no qual a maioria dos professores se apoiam, acabam por ocupar mais espaço do que deveriam e estabelecer não só as bases teóricas como também as metodológicas do trabalho com compreensão de textos na sala de aula.

O objetivo desta comunicação não é o de criticar os já tão criticados livros didáticos, isso tem sido feito em várias outras instâncias. O que pretendemos aqui é mostrar que podem ocorrer mudanças significativas nas aulas de leitura quando se consideram os estudos da Análise do Discurso. Além disso, queremos mostrar que qualquer professor pode apropriar-se de um conjunto de concepções que vão permitir uma prática mais

*Doutora em Lingüística pela FALE- UFMG - Professora da Faculdade de Letras da UFMG.

** Doutora em Lingüística pela UNICAMP - Professora do UNI-BH e da Rede Municipal de BH.

eficaz não só em relação à leitura e compreensão de textos, mas em todo trabalho com a linguagem na sala de aula.

Tratamento dado aos textos no livro didático de Português

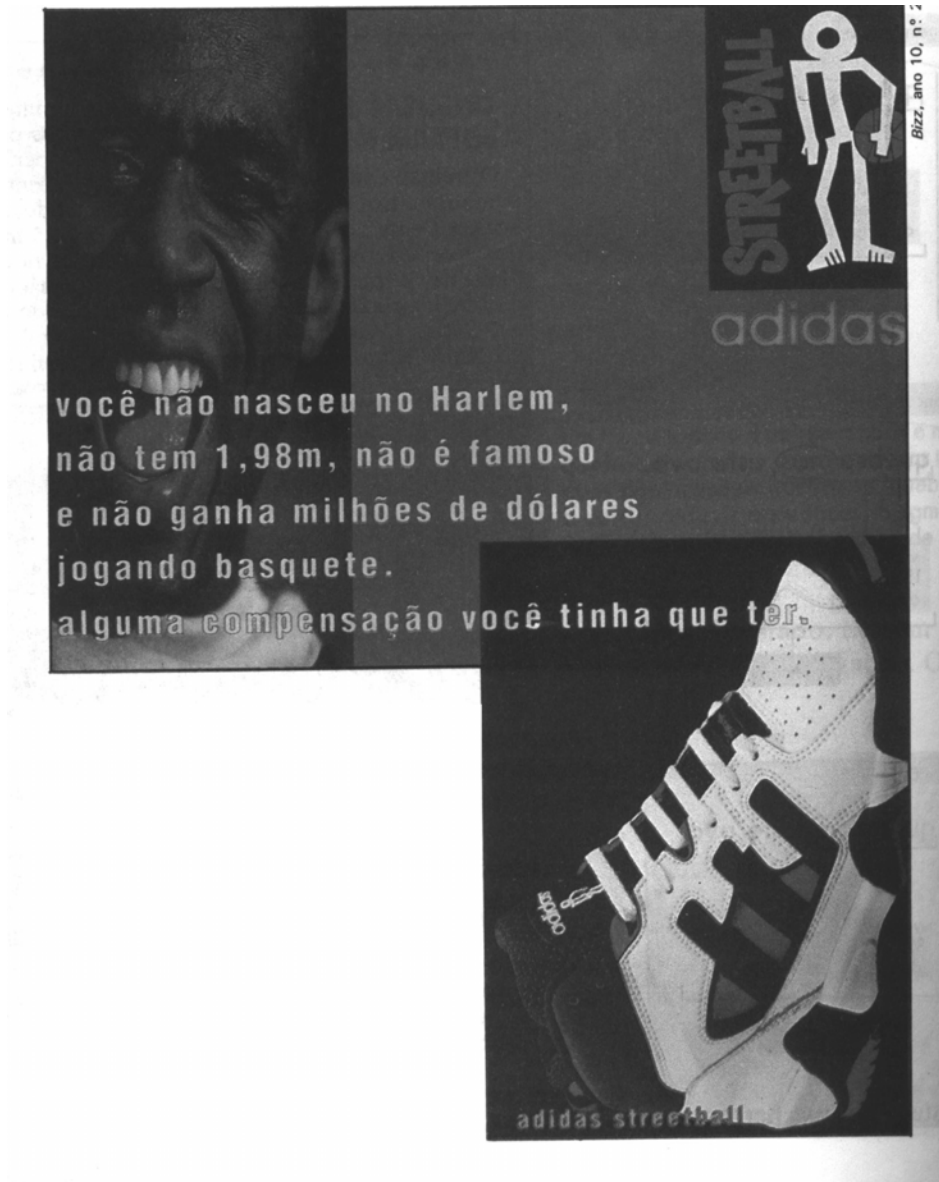
Faz algum tempo que as atividades de compreensão de textos propostas pelos LDs vem sendo questionadas. Marcuschi, em 1996, já apresentava críticas que ainda hoje, mesmo depois de muitas discussões a respeito e de muitas ações¹ que procuram construir uma nova forma de conceber os livros didáticos, fazem muito sentido. Segundo Marcuschi, as atividades de compreensão propostas em livros didáticos são, em geral, exercícios de cópiação e não de interpretação de textos, *e se prestam, na melhor das hipóteses, como exercícios de caligrafia, mas não estimulam a reflexão crítica*. As questões costumam ser perguntas objetivas, bastando ao aluno copiar as respostas. Além dessas, há perguntas muito subjetivas ou genéricas, cujas respostas independem do texto lido. Por trás de atividades dessa natureza, há uma concepção de que a língua é um código, que está pronta e independe das condições em que é produzida.

A principal crítica que tem sido feita aos LDs reside justamente na concepção de língua e linguagem adotada explícita ou implicitamente por esses manuais. Por ser ignorado o caráter multifacetado, dinâmico e interativo da linguagem, muitas atividades, propostas nos livros como de compreensão, focalizam apenas a localização de informações e atividades de extrapolação do texto. Em vez disso deveriam, no entanto, ser privilegiadas as atividades que levam o aluno a tecer um raciocínio, a elaborar inferências, a construir a coerência global do texto, a descobrir *os efeitos de sentido* gerados pelas escolhas lexicais e sintáticas intencionadas de alguém com objetivos muito bem definidos dentro de uma situação comunicativa muito particular. Nos livros didáticos, as questões gramaticais normalmente recebem mais ênfase do que aquelas que exploram níveis de compreensão, ou o desenvolvimento de estratégias de leitura e a produção de sentidos. Elementos não verbais como imagens, diferentes estilos e cores das fontes, não costumam ser objeto de análise.

¹ O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) vem desde 1993 definindo critérios de avaliação dos LDs. A partir de 1996, o MEC subordina a compra de livros para as escolas de todo o país a uma prévia aprovação na avaliação realizada por esse programa.

O anúncio que aparece a seguir, tirado de um livro didático de sexta série², pode servir de exemplo das limitações que se impõem sobre textos que poderiam ser fonte de um trabalho muito mais produtivo.

Texto 1



Esse texto foi usado apenas para treinar as noções da gramática tradicional. Os exercícios propostos limitam-se a identificações e classificações que em nada

² Nicola, José de, Infante, Ulisses. *Palavras e idéias*. São Paulo: Scipione, 1997, p. 164.

contribuem para que o sujeito leitor analise e reflita sobre os propósitos subjacentes à sua produção.

“a) Identifique o sujeito e o predicado da oração “Você não nasceu no Harlem”.

*b) O verbo **nascer** é um verbo de ação ou de estado?*

c) Identifique o sujeito e o predicado da oração “Não é famoso”.

*d) O verbo **ser** é um verbo de ação ou de estado? Por quê?”*

O texto não foi trabalhado enquanto discurso produzido, que cumpre um papel dentro de um contexto histórico, cultural e social. O propósito a que se destina, a linguagem utilizada, as imagens, as possíveis interpretações que dele decorrem, as estratégias retóricas ou argumentativas não foram explorados. Muito pelo contrário, não se faz qualquer menção a questões que poderiam chamar a atenção dos alunos/leitores para o suporte em que o texto foi encontrado; quem é o enunciador, a quem se dirige e com que intenção, como a linguagem reflete isso; que recursos verbais e não-verbais foram usados; por que foram usados; que efeitos provocam; entre outros aspectos relacionados à situação de comunicação.

Fora da sala de aula, as crianças, os adolescentes e jovens são bombardeados a todo momento uma imensa gama de textos diferenciados como anúncios publicitários, quadrinhos, desenhos, filmes e novelas na TV, notícias, reportagens, hipertextos, entre outros. Além dos muros da escola, o uso que necessitam fazer dos textos vai muito mais além do que levantar períodos, sujeitos e outras ginásticas gramaticais. O que, na verdade, eles precisam é aprender a lidar criticamente com esses textos, para não serem presas fáceis de uma sociedade consumista e massificadora. É nesse sentido, que a sala de aula deve ser o espaço onde são criadas condições para que os alunos sejam capazes de analisar gêneros variados de textos, lendo neles a sociedade que os produz e que neles se inscreve.

Algumas das contribuições da AD para a sala de aula

Uma questão central que é posta em discussão a partir da Análise do Discurso (e de outras teorias do uso da linguagem) é a de que o texto não pode ser visto como um objeto a ser lido e/ou produzido com um fim em si mesmo, mas que deve ser entendido

como uma realização concreta da atividade interacional; um produto lingüístico marcado pela dinâmica da atuação interacional, que deve ser analisado dentro do contexto sociocomunicativo de onde emergiu, a partir das marcas concretas que a situação discursiva imprime aos enunciados.
(Nascimento e Castilho,1996:21)

O que importa são os discursos³ produzidos na e pela linguagem, as ações que se realizam entre sujeitos situados em um contexto histórico e social, dentro de uma situação concreta de comunicação. Sendo assim, o ensino de língua materna deve contemplar, em primeira instância, o desenvolvimento de habilidades que levem os sujeitos a (inter) agirem mais e melhor em várias situações de comunicação. O ensino de leitura e de escrita só será efetivo se definido em função de situações específicas de interlocução. Se o texto não existe fora de sua produção ou de sua recepção e o sentido só pode ser construído na interação, uma vez que não está no texto em si, mas depende de fatores de diversas ordens: lingüísticos, cognitivos, socioculturais, interacionais, é preciso ensinar aos alunos estratégias para que consigam mobilizar eficientemente os recursos propiciados pela língua.

Exemplos de uma prática

Os exemplos aqui trabalhados não devem ser vistos como uma receita pronta infalível em qualquer que sejam as condições. Pelo contrário, são apenas exercícios que podem contribuir para que professor e aluno observem os textos a sua volta com um olhar diferenciado. Foram tomados dois textos: o anúncio que foi apresentado acima, e a letra de música ETC de Nando Reis/Marisa Monte/Carlinhos Brown. Anúncios e músicas são textos com os quais nos deparamos a todo momento, e em geral os alunos se sentem atraídos por eles. O primeiro texto foi escolhido para que se pudesse contrapor a abordagem feita pelo livro didático àquela que contempla as condições de produção do discurso. A letra de música ECT foi escolhida por já contar com uma análise muito interessante, feita por Bentes (2001). Essa análise será brevemente resumida aqui e pode

³ Entendemos como discurso o ““aparato enunciativo”, que inclui o locutor, o interlocutor, o assunto e a rede de imagens que os falantes fazem de si mesmos e das pressuposições com relação ao assunto.” (Nápoles, 1998: 58)

ser consultada por quem se interessar por mais detalhes⁴.

Analisando anúncios

Os anúncios publicitários ocupam um espaço privilegiado na vida moderna. Eles invadem as nossas casas pela TV e pelo rádio, nos atropelam na rua em *outdoors*, que se avolumam pelas estradas, ruas, praças, fachadas de prédios; bombardeiam as caixas de e-mail e as de correio. Não há como ignorar ou ficar imune às mensagens que querem, a todo momento, nos impingir produtos de todo tipo. Se nossa vida é, hoje, mediada pelas peças publicitárias, é importante que se penetre nesse mundo para descobrir-lhe seus segredos, para apreender seus mecanismos persuasivos, suas formas de manipulação sutil do desejo.

Como exemplo de como a AD pode mudar a prática de compreensão de textos na aula de português, retomaremos o texto publicitário retirado de um livro didático e proporemos questões que explorem aspectos salientados pela AD.

Em relação a essa propaganda muitas discussões podem ser feitas com os alunos visando a desenvolver neles habilidades de leitura além da localização de informações no texto e da extrapolação. Apresentaremos algumas sugestões:

Qual o objetivo desse texto?

A que público essa propaganda se destina? Comprove sua resposta com elementos do texto.

Qual a relação entre o texto escrito e as imagens da propaganda?

Por que as frases do texto não começam com letras maiúsculas?

Por que o anúncio diz: "você não nasceu no Harlem, não tem 1,98m, não é famoso e

não ganha milhões de dólares jogando basquete"? Quem é o "você"? Com quem esse "você" está sendo comparado? Por que?

A que compensação o anúncio se refere na última frase do texto?

⁴ Nossa intenção ao usar essa análise da Bentes é mostrar que o professor não precisa ser um expert em Análise do discurso para se apropriar dessa teoria (que pode ser encontrada em linguagem acessível em vários livros) em suas atividades de sala de aula. Basta ele estar atento a publicações recentes nos estudos da linguagem.

Faça uma apreciação desse anúncio. Você acha que ele é bom, eficiente, atinge o público a que se destina?

Analisando letra de música

E.C.T.

(Nando Reis/Marisa Monte/Carlinhos Brown)

1. *Tava com cara que carimba postais*
2. *Que por descuido abriu uma carta que voltou*
3. *Tomou um susto que lhe abriu a boca*
4. *Esse recado veio pra mim, não pro senhor*
5. *Recebo craque colante, dinheiro parco embrulhado*
6. *Em papel carbono e barbante*
7. *E até cabelo cortado, retrato de 3/4*
8. *Pra batizado distante*
9. *Mas, isso aqui, meu senhor,*
10. *É uma carta de amor*
11. *Levo o mundo e não vou lá*
12. *Levo o mundo e não vou lá*
13. *Levo o mundo e não vou lá*
14. *Levo o mundo e não vou lá*
15. *Mas esse cara tem a língua solta*
16. *A minha carta ele musicou*
17. *Tava em casa, a vitamina pronta*
18. *Ouvi no rádio a minha carta de amor*
19. *Dizendo: eu caso contente, papel passado e presente*
20. *Desembrulhado o vestido*
21. *Eu volto logo, me espera*
22. *Não brigue nunca comigo*
23. *Eu quero ver nosso filho*
24. *O professor me ensinou fazer uma carta de amor*
25. *Leve o mundo que eu vou já*

Esse texto "é construído a partir de um emaranhado de pontos de vista" em que a mudança de enunciadores não é textualmente marcada, o que é um fator que provoca dificuldade na compreensão. Há no texto, pelo menos quatro vozes, o narrador, as duas personagens e o enunciador da carta.

O título *E.T.C., Empresa de Correios e Telégrafos*, faz com que o leitor ative conhecimentos sobre correios, cartas, e afins. A música parece contar a história de uma mulher que viu o carteiro abrindo a carta que se endereçava a ela (por isso o carteiro se assustou, linha 3), o carteiro argumenta que recebe muitas encomendas diferentes (linhas 5 a 8) e a mulher diz que aquilo era muito pessoal, pois é uma carta de amor (linhas 9 e 10).

Em outro momento, a mulher se indigna do atrevimento do carteiro que musicou sua carta de amor e cita trechos dessa carta que possibilitam ao leitor reconstruir a relação entre ela e o remetente. Ao que parece, a carta é uma resposta em que o homem diz à mulher que não demora a voltar e pede que ela espere para se casar com ele. Além disso, é possível ficar sabendo que os dois já têm um filho, que vive com a mulher (linha 23).

A partir dessas informações o leitor pode fazer muitas inferências para construir os motivos da separação do casal, o que a mulher pode ter escrito na carta que enviou ao seu amado, levantar hipóteses sobre quem aprendeu a escrever uma carta de amor (linha 24) e refletir sobre o papel do carteiro de levar e trazer notícias do mundo sem ir aos diferentes lugares (linhas 11 a 14), entre muitas outras inferências que esse texto possibilita.

Partindo dessa leitura, algumas questões poderiam ser feitas pelos professores aos alunos, com a finalidade de colocar em prática alguns pontos como a questão da polifonia, das intenções comunicativas. Esse texto, em condições normais, provavelmente não apareceria num LD por fugir muito da estrutura convencional de textos narrativos (pela mudança constante e não marcada de foco narrativo), ou se aparecesse não seria enfocando a polifonia. À primeira vista parece confuso e mal escrito, mas essa impressão se desfaz quando se busca depreender dele o rico jogo de vozes e perspectivas ali marcado.

Apresentamos algumas sugestões de questões que poderiam ser discutidas com os alunos:

Esse texto é compreensível?

Você teve alguma dificuldade para compreendê-lo?

(Se for o caso: Que partes você não entendeu? Por quê?)

Do que trata o texto?

Em que situação foi produzido?

Quem fala para quem nesse texto? É sempre uma mesma personagem que fala no texto?

Quantas vozes (pontos de vista, "eus poéticos") você encontrou no texto? Quem são?

A partir da identificação dessas vozes, explique a relação entre as personagens. Mostre em que partes do texto ocorre mudança no foco (de perspectiva ou de ponto de vista⁵).

Use elementos do texto para comprovar sua resposta.

Podem ser feitas ainda perguntas sobre o título que vão contribuir para ativação de conhecimentos prévios ou para ajudar o aluno a avaliar sua própria leitura, dependendo do momento em que as questões forem propostas (antes ou depois de ler)

O que significa ECT?

Como funciona uma ETC?

Qual a relação do título com o restante do texto?

E sobre outras partes do texto:

Quem tomou um susto?

Porque ele "Tomou um susto que lhe abriu a boca"?

Quem "tava com cara que carimba postais"? Por quê?

Quem é o "cara"?

Quem fala no verso 4 - "Esse recado veio pra mim, não pro senhor"? A quem "mim" se refere e quem é o "senhor"? Por que essa personagem fala isso?

Quem fala na linha 21 a 23 - "Eu volto logo, me espera/Não brigue nunca comigo/Eu quero ver nosso filho"? Para quem essa personagem está falando?

Por que fala isso?

A quem o pronome nosso se refere na expressão "nosso filho"?

Explique: "Dizendo: eu caso contente, papel passado e presente"

Quem diz isso e para quem?

Porque diz isso?

O que você pode concluir a partir dessa fala no que diz respeito à relações entre as personagens do texto?

Sobre o carteiro:

Por que o carteiro diz que recebe "craque colante, dinheiro parco embrulhado" entre outras coisas?

O que ele quer dizer com "levo o mundo e não vou lá"?

⁵ Cabe ao professor saber com que terminologia seus alunos estão acostumados a lidar. O nome aqui é o menos importante, o que importa é levar o aluno a perceber o complexo jogo enunciativo instaurado no

Quem fala " Leve o mundo que eu vou já" é o carteiro? Justifique sua resposta.

Depois de todas essas reflexões os alunos deveriam voltar à pergunta 1: *Esse texto é compreensível? Você é capaz de recontar a história para alguém que não o entendeu "à primeira lida"?*⁶

Essas são apenas algumas sugestões de perguntas que podem ajudar os alunos a compreenderem melhor ou refletirem mais sobre esse texto. Muitas outras, inclusive que extrapolam o texto para fazer julgamentos sobre as atitudes das personagens podem ser discutidas com os alunos.

Para finalizar

Se colocarmos a realidade dos alunos em sala de aula e levarmos para dentro dela os mais diversos gêneros (como embalagens, propagandas, cartas, bilhetes, e-mails, cartazes, convites etc.) será fácil perceber como a AD pode contribuir para fazer com que as aulas de português fiquem mais próximas da realidade e das necessidades dos alunos no que concerne à produção de sentidos e de textos. Será possível também mostrar aos alunos, na prática, que o sentido não está no texto, mas depende da situação comunicativa e que ela precisa ser considerada tanto no momento da leitura quando no da escrita, pois, conforme afirma Ducrot (1984), o discurso é uma unidade funcional, comunicativa, intersubjetivamente construída.

Referências bibliográficas

BENTES, Anna Christina. *Linguística Textual*. In: MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. (Org.).

Introdução à Linguística: domínios e fronteiras. Vol. 1e 2. São Paulo: Cortez, 2001.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas, Pontes, 1984.

NÁPOLES, Ana Maria. *Pontuação e interação*. Belo Horizonte, PUC Minas, 1998.

(Dissertação de Mestrado)

NASCIMENTO, Milton do e CASTILHO, Ataliba. Vale o falado ou o escrito? In: *Ciência*

Hoje. v.20. n. 18. mar. p. 20-23, 1996.

texto.

⁶ Não vamos apresentar aqui nenhuma das inúmeras propostas de produção de textos que poderiam surgir a partir da leitura desse texto por ser a leitura o foco da nossa atenção.